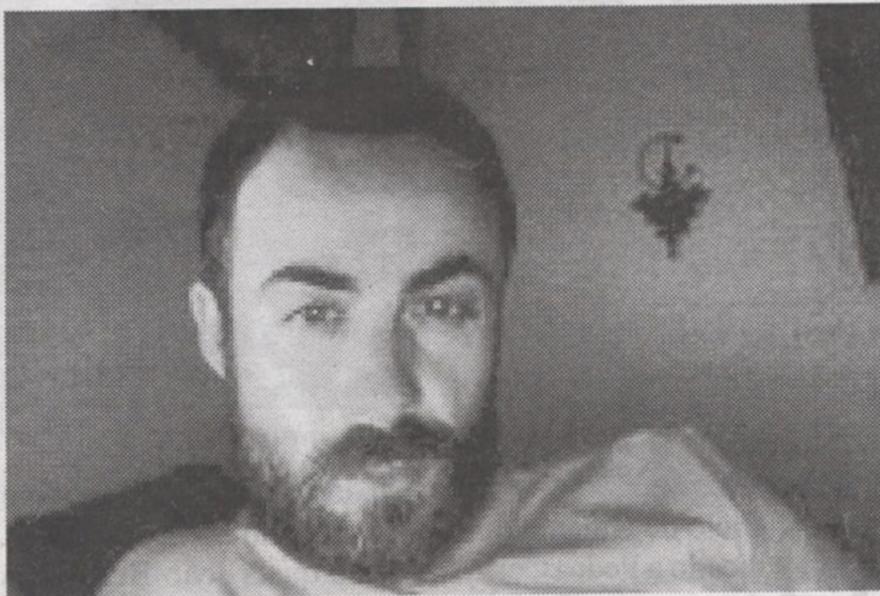


Rui Pedro Fonseca por terras da Ásia

O dinheiro é escasso para tanto sonho

De Monsanto para a Ásia, Rui Pedro Fonseca vai cumprindo o seu sonho. Viajar, conhecer e registar esta cultura em fotografia, vídeo e áudio. E já tem outro projecto em mente. O jornalista solitário fala ao Reconquista.



Rui Pedro Fonseca cumpre o seu sonho

Rui Pedro Fonseca é jornalista, trabalha na Rádio Clube de Monsanto e tem o fascínio das viagens. Sobretudo ao continente asiático. Já na passada semana demos conta de uma reportagem feita por ele.

Em breve conversa ficámos a conhecer um pouco melhor o Rui Pedro, que nos irá dando conta dos seus sentires por Ásia.

Reconquista – Esta é a segunda vez que partes, sozinho, em busca da aventura. O que te leva a isso?

Rui Pedro – O continente asiático sempre me despertou curiosidade e fascínio, em parte devido à música mas não só. Neste continente podemos encontrar das mais antigas e ricas culturas do planeta, a Índia é um bom exemplo disso. Apesar da pobreza e dos contrastes com a sociedade ocidental é impossível negar a importância e riqueza deste país e o seu importante contributo para o desenvolvimento das ciências, convém lembrar que no caso da numeração o 0 é uma invenção dos indianos, sem este número o pensamento abstracto, a matemática física, ou química como a conhecemos hoje em dia, não existiria, e o nosso conhecimento do planeta e de todo o universo seria de certeza bem mais limitado. No que diz respeito à religião, na minha

opinião, o mundo seria um lugar bem menos colorido se a complexa religião hindu não existisse. A juntar a tudo isto a maravilhosa e diversificada arquitectura e a exótica e saborosa cozinha da Índia e de todo o sudeste asiático.

Rec – Será só pela aventura ou pela vontade de conhecer, de explorar, de compreender outras culturas?

RP – É um pouco de tudo isso. Viajar ajuda imenso a abrir a mente e a enriquecer o conhecimento que temos de tudo o que nos rodeia, acredito que se viajássemos mais seríamos mais tolerantes. Muitas vezes pensamos que todo o mundo vive como nós, mas na verdade a grande maioria dos seres humanos vive uma realidade bem diferente da que podemos encontrar na Europa ou Estados Unidos. A maioria das pessoas do planeta não dá a mínima importância aos valores ocidentais que tem um sistema de crenças bem diferente do nosso, as coisas não são perfeitas aqui, mas há uma enorme tolerância em relação a muitos temas que na nossa sociedade simplesmente não são permitidos nem tolerados.

Rec – Porquê a Índia? E porque voltaste?

RP – No ano passado estive apenas alguns dias em Nova Delhi, tinha simplesmente de voltar, o país é enorme. Agora que regresssei, percebi que tinha uma ideia

muito limitada deste país, só ao sair de Delhi comecei a perceber um pouco melhor esta realidade. Mas tudo é muito limitado, quando estamos de passagem num sítio: apenas guardamos connosco uma pequena parte do todo, não faz sentido dizer já estive lá já conheço, apenas temos acesso a pequenas partes. Nas últimas semanas estive em Delhi, Haridwar e Rishikesh, depois fui para o Rajasthan, passei alguns dias no deserto e em Jaisalmer. O contraste foi enorme dos Himalaias para o deserto!

Rec – É difícil fazer este tipo de trabalho, sem apoio de um amigo, ou de alguém, pelo menos conhecido e que fale a nossa língua?

RP – Era bem melhor fazer este trabalho com uma equipa, estou a filmar, fotografar, gravar áudio, enfim a fazer sozinho o trabalho que é feito no mínimo por três ou quatro pessoas. Tudo é muito rápido e nem sempre temos uma segunda oportunidade de filmar. Mas esta é a minha realidade agora, faço apenas aquilo que sei e que me é possível, e sou muito feliz por estar a fazer aquilo que verdadeiramente gosto, sinto que estou a aprender bastante, se juntarmos isto ao facto de estar a viajar é simplesmente perfeito. O aspecto menos positivo é quando chego e começo a perceber o que falta, as coisas são como são, o meu caminho agora é este.

Rec – Terás muitas histórias, com certeza, para contar. Alguma complicada em que sentisses receio, ou mesmo medo, sem saber o que te poderia acontecer?

RP – Até aqui correu quase tudo bem, já tive tempo de perder o cartão de crédito e entrar em pânico com a possibilidade de alguém levantar todo o meu dinheiro, mas tudo se resolveu. Quando cheguei a Delhi, mais uma vez a minha mochila ficou em Londres, no ano passado estive duas semanas em Katmandu e Nepal sem as minhas coisas, apenas com a câmara de filmar, este ano tive apenas de esperar um dia! Já começo a ficar habituado, estas situações são muito frequentes no Terminal 5, em Londres.

Rec – Também é arriscado partires sozinho...

RP – O risco é real estando sozinho ou acompanhado, mas para dizer a verdade acho que a possibilidade da nossa integridade física estar em risco é bem maior na Europa, no nosso caso, em Lisboa. A violência física para nos tirarem algo não faz parte da realidade asiática, não quer dizer que não possa acontecer. Até agora já andei à noite a filmar com todo o meu equipamento, por cidades como Hanoi, Phnom Penh, Katmandu ou Delhi e sempre me senti muito à vontade, apesar de estar sozinho nunca me senti ameaçado.

Rec – Agora é até Março, já tens em mente outra viagem?

RP – Na verdade já tenho um outro projecto em mente para fazer um documentário mais a sério e desta vez com alguém para me ajudar, mas uma coisa de cada vez. Já investi muito em equipamentos de vídeo e áudio... E o dinheiro é escasso... para tanto sonho!

Cristina Mota Saraiva